

# **Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística**

*Multilingualism management in Foz do Iguaçu visual public space: a study on the visibility of language diversity*

Isis Ribeiro BERGER (UNIOESTE)  
*isisrberger@gmail.com*

Laisla Rafaelly Jardim ELSENBACH (UNIOESTE)  
*laisla.xp@hotmail.com*

BERGER, Isis Ribeiro; ELSENBACH, Laisla Rafaelly Jardim. Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 433-456, ago./dez. 2017.

**Resumo:** O presente artigo tem como tema a gestão da diversidade linguística no espaço visual público urbano de Foz do Iguaçu e tem como objetivo analisar e discutir sobre a forma como as diferentes línguas que coexistem no município estão dispostas visualmente na paisagem linguística. A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2015, sob a ótica da Paisagem Linguística (LANDRY; BOUHIRS, 1997; GORTER, 2006; SHOHAMY; GORTER, 2009; SPOLSKY, 2009), campo interdisciplinar que possibilita a relação dialógica com saberes de diferentes áreas. Para os fins dessa investigação, foram mobilizados em especial, saberes da Sociolinguística, Política Linguística e Geografia (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011; SPOLSKY, 2006; RAFFESTIN, 1993; GOMES, 2013). Norteada por reflexões em torno das condições para a visibilidade das diversas línguas em uso no município, a pesquisa envolveu observação e registros fotográficos para coleta de dados e lançou mão de análise quantitativa e qualitativa para refletir em que medida as diferentes línguas encontram condições para a visibilidade. Os resultados indicam a presença de diferentes línguas na paisagem e apontam para relações assimétricas em

relação à disposição visual das línguas, como reflexo das relações de poder entre o inglês, língua hipercêntrica, e as demais. Para fins de conclusão, argumenta-se que a percepção dessa diversidade depende em grande medida dos sentidos construídos sobre esse multilinguismo, uma vez que há línguas que se encontram em condição de menos visibilidade.

**Palavras-chave:** Gestão do multilinguismo. Espaço visual público. Visibilidade.

**Abstract:** The theme presented in this paper is the management of language diversity in the visual public space of Foz do Iguassu city. It aims at analysing and discussing how the coexisting languages of this city are visually displayed in the linguistic landscape. The research was conducted in 2015, from the perspective of Linguistic Landscape (LANDRY; BOUHIRS, 1997; GORTER, 2006; SHOHAMY; GORTER, 2009; SPOLSKY, 2009), an interdisciplinary field which enables dialogic relation of knowledge from different areas. For this study, knowledge and studies from Sociolinguistics, Language Policy and Geography were used as reference of this study (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011; SPOLSKY, 2006; RAFFESTIN, 1993; GOMES, 2013). The research was founded in reflections on the conditions for the visibility of various languages in use in the city, and it involved observation and photographs for data collection. Data were analysed both quantitatively and qualitatively to reflect on to what extent the different languages could be in condition for visibility. Results indicate there are various languages in the landscape, and show an asymmetrical relation in the form they are displayed, as a consequence of power relations between English, a hyper-central language, and the other languages. As for the conclusion, it is argued that the perception of the language diversity depends on the meanings to be built over the multilingualism in the city, having the fact that the other languages are in conditions of less visibility in the public space.

**Keywords:** Management of multilingualism. Visual public space. Visibility.

## Apresentação

O multilinguismo no Brasil vem sendo tema de um número de pesquisas acadêmicas nas últimas décadas, em face de diferentes ações de política linguística<sup>1</sup> que tem contribuído para promover a visibilidade das outras línguas existentes em seu território.

A questão do mito de país monolíngue em língua portuguesa, decorrente de um processo histórico de homogeneização linguística, que legitimou o português como língua nacional única do Estado Brasileiro (THOMAZ, 2005), é tema de discussão em diferentes esferas. Como efeito, paulatinamente, a percepção de que o Brasil é um país de muitas línguas vem sendo construída por ações que seguem na esteira de uma agenda política de valorização da diversidade, orientadas tanto pela concepção de que as línguas representam recursos valiosos para

<sup>1</sup> Define-se política linguística tanto como um conjunto de decisões em torno das línguas e como em seus usos na sociedade. Essas decisões podem ser verificadas a partir da análise de instrumentos legais, mas também por meio de formas de planejamento e ações de gestão dos usos, do ensino e do *corpus* das línguas (CALVET, 2007; SPOLSKY, 2009).

a promoção da cidadania e do desenvolvimento, como motivadas por demandas e reivindicações de diferentes grupos linguísticos, muitos dos quais que presenciaram a perda ou substituição de suas línguas.

Conforme Oliveira e Altenhofen (2011), é a partir da Constituição 1988 que se começa a verificar os primeiros movimentos desse Estado em direção ao reconhecimento da diversidade de línguas existente no país, iniciando com o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas em relação às suas línguas e culturas. São ações em que reverberam os ecos das discussões em torno dos direitos linguísticos e do importante papel que as línguas desempenham na construção de identidades individuais e coletivas.

No tocante às línguas que configuram o multilinguismo do território brasileiro, o país perpassa, então, um movimento em direção não só ao reconhecimento dessas línguas, mas também à sua defesa, valorização e promoção. Citam-se, como exemplo, políticas linguísticas explícitas na forma de instrumentos legais, como a criação da lei que regulamenta o uso da Língua Brasileira de Sinais; os processos de cooficialização de diversas línguas no âmbito de governos municipais (línguas de imigração e línguas indígenas); o Seminário de Criação do Livro de Registro das Línguas promovido pelo IPHAN em 2006 e; a criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Brasil em 2010, do qual deriva o importante Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL (IPHAN, 2014).

Disso, decorre que o mito de língua única e, como efeito, a construção de um *habitus* monolíngue no país venham sendo questionados, o que contribui para a percepção dessa multiplicidade de línguas no espaço geográfico brasileiro, sejam línguas de comunidades indígenas, sejam as línguas de imigrantes ou descendentes, que se mantêm em uso e em transformação em diferentes espaços sociais e que se caracterizam como parte do patrimônio linguístico cultural brasileiro.

Gomes (2013, p. 36), ao propor elementos para uma geografia da visibilidade, afirma que “a posição espacial de um objeto, pessoa ou fenômeno altera completamente nossa percepção, nossa apreciação e nosso provável interesse sobre eles”. Tomando essa discussão como eixo de reflexão, consideramos que a análise da presença de diferentes línguas no espaço público urbano, ou seja, da maneira como a diversidade linguística se dispõe visualmente em dado espaço social, pode se configurar como uma forma de abordagem do multilinguismo.

Esse artigo trata da visibilidade dessa diversidade linguística existente no Brasil e é resultante de pesquisa realizada em Foz do Iguaçu, PR, no ano de 2015, no âmbito do projeto *Gestão do multi/plurilinguismo no espaço fronteiriço trinacional*<sup>2</sup>, que visa a contribuir para um conjunto de conhecimentos acerca da forma como a diversidade linguística é gerida em diversas esferas no espaço conhecido como Tríplice Fronteira (Foz do Iguaçu, Brasil; *Puerto Iguazu*, Argentina e *Ciudad del Este*, Paraguai).

Partindo do pressuposto de que o estudo sobre a forma como a(s) língua(s) estão dispostas em sua forma escrita no espaço urbano público pode contribuir para compreender relações de poder entre diferentes línguas e comunidades linguísticas que coexistem em determinado espaço social (SHOHAMY; GORTER, 2009; SPOLSKY, 2009), procedeu-se à realização dessa pesquisa norteadas pelos seguintes questionamentos: Que línguas estão dispostas na paisagem linguística no centro de Foz do Iguaçu? Que relações de poder podem ser inferidas a partir da disposição visual das línguas nesse espaço? De que forma a disposição das línguas no espaço amplia a visibilidade do multilinguismo existente em Foz do Iguaçu?

Diante dessas questões, a pesquisa mobilizou saberes de diferentes campos, sendo referenciada, em grande medida, por estudos do campo denominado Paisagem Linguística, *linguistic landscape* em inglês (LANDRY; BOUHIRS, 1997; GORTER, 2006; SHOHAMY; GORTER, 2009; SPOLSKY, 2009), visando a analisar (e refletir sobre) a disposição da diversidade linguística no espaço visual público urbano de Foz do Iguaçu.

A situação geopolítica do município, que conforma uma das mais importantes cidades gêmeas da faixa de fronteira com dois países de língua oficial hispânica<sup>3</sup>, somada à presença de comunidades linguísticas diversas (imigrantes e descendentes de europeus, asiáticos, árabes, africanos e diferentes grupos oriundos de países latino-americanos e Caribe) fruto de diferentes processos migratórios ao longo de sua história, aliada à presença de comunidades indígenas e de uma expressiva comunidade surda na região, fazem de Foz do Iguaçu um espaço de grande circulação de línguas e culturas. Acrescenta-se, ainda, o fato (do) de o município se caracterizar como um dos mais importantes polos de turismo internacional no Brasil, atraindo pessoas, línguas e culturas diversas para esse contexto.

<sup>2</sup> Os dados e discussões presentes nesse artigo derivam de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, defendido em 14 de dezembro de 2015. O trabalho foi desenvolvido no âmbito do referido projeto de pesquisa.

<sup>3</sup> Deve-se acrescentar que o Paraguai é um país oficialmente bilíngue (castelhano e guarani).

A diversidade linguístico-cultural de Foz do Iguaçu já foi tratada em inúmeros trabalhos (PIRES-SANTOS, 2004; RIBEIRO, 2007; OLIVEIRA, 2012; SILVA, 2014, dentre outros). Silva et al (2016), em recente publicação, apontam para a existência de representações de diversidade e superdiversidade<sup>4</sup>, bem como práticas plurilíngues e multiculturais em diversos espaços desse município. Trata-se, desse modo, de um ambiente linguístico notadamente relevante para estudos que abordem o multilinguismo, como os fenômenos de línguas em contato e estudos em torno da ecologia de línguas.

De acordo com Landry e Bourhis (1997), a diversidade de línguas existente em dada paisagem pode ser tida como demonstração concreta da diversidade linguística e cultural de certos grupos que habitam um território ou região específica, e pode refletir o poder e *status* de uma língua (ou comunidade linguística) em relação à outra. Isso porque os fatos linguísticos que se destacam no espaço público devem ser encarados como variações de fatos sociais e que devem ser relacionados a fenômenos sociais mais abrangentes (BEN-RAFAEL, 2009). Nesse sentido, concordamos com Raffestin (1993, p.107-108): “É que a língua é um modo de agir, é um modo de ação sobre o outro. Cada língua é instrumento de ação social e, nesse sentido, ela ocupa um lugar especial no campo do poder”.

Diante do exposto, considera-se importante mencionar que as diversas formas e objetivos da análise do espaço visual público consistem de uma forma de abordar o multilinguismo e seus diversos efeitos na sociedade.

No que se refere à organização do texto, inicialmente apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos para a condução da investigação. Na sequência, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados e análise dos dados. Por fim, apresentamos e discutimos os resultados da investigação, refletindo sobre as relações que se estabelecem entre as línguas verificadas no espaço urbano público desse município.

### **Fundamentos teórico-metodológicos**

Toda paisagem é uma composição em que um conjunto de formas ou coisas coexistem, justapõem-se em determinado enquadramento e

<sup>4</sup> Grosso modo, o termo refere-se à diversificação da diversidade (VERTOVEC, 2017 apud SILVA et al, 2016).



se associam de maneira única, em um jogo de posições. No tocante à paisagem linguística, referimo-nos à composição formada por línguas que se encontram dispostas, de modo único, em determinado recorte.

O termo Paisagem Linguística foi concebido por Landry e Bourhis (1997, p. 23, tradução nossa) para referir-se à “visibilidade e destaque de diferentes línguas em sinais comerciais ou públicos de dado território ou região”<sup>5</sup>. Os pesquisadores propuseram que o cenário linguístico pode auxiliar a compreender as marcas de poder e de prestígio de determinadas comunidades linguísticas que habitam dado espaço geográfico. Demonstraram, também, que essa paisagem é um importante indicador capaz de prover informações relevantes sobre as sociedades, vitalidade e relações entre diferentes grupos, especialmente em contextos de coexistência de línguas e culturas (SHOHAMY; GORTER, 2009).

As pesquisas em torno das paisagens linguísticas possuem enfoques interdisciplinares (LANDRY; BOURHIS, 1997; GORTER, 2006; SHOHAMY; GORTER, 2009; SPOLSKY, 2009), o que possibilita a interface e um processo dialógico com saberes de diferentes áreas do conhecimento, razão pela qual a presente investigação mobilizou conhecimentos de áreas como a Sociolinguística e Política Linguística, como também saberes advindos da Geografia Humana (RAFFESTIN, 1993; GOMES, 2013).

Em ambientes onde diversas línguas coexistem em sua forma oral ou escrita (CALVET, 2007), a presença e/ou ausência de determinadas línguas nos espaços de visibilidade resultam de formas variadas de gestão de línguas, ou seja, de estratégias, práticas e/ou ações em torno das línguas, desempenhadas por uma variedade de agentes, que podem resultar nas relações dos falantes com as línguas e das línguas entre si. Consideramos, portanto, o seguinte:

A **presença** de uma ou mais línguas em dado espaço pode ser fruto de estratégias ou práticas de gestão. A **ausência** de uma língua em dado espaço, do mesmo modo, pode ser também o efeito de ações com vistas ao silenciamento, apagamento e/ou deslocamento dessas línguas, ou seja, a produção da inexistência, da invisibilidade nesse espaço (BERGER, 2015, grifo da autora).

A forma mais explícita de gestão de línguas consiste dos instrumentos legais de determinada política linguística, como atos

<sup>5</sup> “[...] visibility and salience of languages on public and commercial signs in a given territory or region” (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 23).

normativos, documentos reguladores, leis de línguas. Porém, partimos da assunção de que as intervenções sobre as línguas se dão em múltiplas esferas e por vários agentes que, cada qual em sua medida, participam da gestão de línguas: legisladores, autoridades no corpo de instituições, professores, familiares e, no caso do espaço público, todos os que intervêm de alguma forma na presença das línguas no espaço visual (SPOLSKY, 2009).

Assim, entre os gestores de uma paisagem linguística, incluem-se não somente os agentes da administração pública, que elaboram e dispõem sinais oficiais (*top-down signs*), mas, também, todo um conjunto de outros agentes que intervêm no espaço visual público. São eles: os comerciantes, produtores de anúncios, organizações privadas, ou outros grupos e indivíduos que, de forma autorizada (ou não), imprimem marcas linguísticas no espaço público, expondo sinais tidos como não-oficiais (*bottom-up signs*). Por isso, de igual forma, também gerenciam a escolha das línguas nesse domínio em que várias pessoas transitam (GORTER, 2006; SPOLSKY, 2009).

Para proceder a esse tipo de estudo, a compreensão do ambiente linguístico consiste de etapa inicial fundamental, pois as escolhas que levam os diferentes agentes a dispor as línguas visualmente no espaço público podem estar relacionadas a ideologias linguísticas, questões de identidade linguístico-cultural, crenças e atitudes linguísticas. Trata-se da relação indissolúvel entre língua e sociedade que influi diretamente no comportamento linguístico (LANDRY; BOURHIS, 1997; SPOLSKY, 2009).

Tem-se, com isso, que o estudo da paisagem linguística em contextos multilíngues pode informar sobre a situação sociolinguística de um determinado local, demonstrar padrões de uso das línguas de acordo com as políticas linguísticas explícitas e oficiais ou, ainda, oferecer indícios das atitudes em relação às línguas que coexistem no local e dos valores atribuídos a elas. Acrescente-se, ainda, revelam, além dos efeitos do contato entre as línguas locais, também outros fenômenos sociolinguísticos, como as consequências de processos de globalização que resultam na presença de muitas outras línguas ao espaço de visibilidade. Com isso, verifica-se que as línguas utilizadas nos espaços públicos de visibilidade na sua forma escrita são politicamente e culturalmente orientadas (SPOLSKY, 2009).

A metodologia de investigação desse campo consiste de fotografias e análise visual, contando com abordagens quantitativas e qualitativas, a partir das quais é possível depreender implicações sociais das formas

de gestão e políticas de línguas (SHOHAMY; GORTER, 2009). Nesse sentido, um fator que merece consideração é o das duas funções centrais dos sinais, a saber: comunicar (produzir e fazer circular mensagens no campo de uma comunidade linguística por meio de informações, instruções ou formas de persuasão) e expressar uma função simbólica (declarar pertencimento ou demarcar um território). Segundo Spolsky (2009), a segunda função é geralmente associada à primeira, a partir da escolha da língua. Ou seja, uma língua é escolhida tanto para demarcar um território, como para comunicar algo a um leitor específico.

Desse modo, os dados possibilitam-nos compreender, também, as territorialidades das línguas em dada região, as relações entre diferentes línguas em certo lugar, como também as relações de poder que incidem na demarcação territorial por meio das línguas, ou seja, na formação de territórios linguísticos<sup>6</sup> em dada região.

Dentre os efeitos desses territórios, destaca-se o fortalecimento das condições para a visibilidade de determinadas línguas em relação a outras, pois a percepção dessas em dado ambiente linguístico pode ser tomada como reflexo da(s) forma(s) como são dispostas nos espaços de visibilidade, pelos seus gestores. Isso porque dentre os elementos fundamentais para a visibilidade está a posição na qual um fenômeno se inscreve em dado contexto espacial. Conforme Gomes (2013, p. 23):

Há uma delimitação que estabelece o que deve ser visto e o que não deve e isso é o resultado de uma classificação relacionada ao espaço, e uma questão de posição. Lugares de exposição são lugares de grande e legítima visibilidade.

Compreende-se, portanto, que a percepção de dado fenômeno ou objeto se relaciona a inúmeros fatores, dentre os quais a forma como esse objeto se dispõe nos espaços de visibilidade, em sua relação com outros fenômenos e objetos de dada composição (GOMES, 2013).

Em torno dessas reflexões, procedemos ao estudo no intuito de percorrer as perguntas que nortearam a pesquisa.

### **A metodologia da pesquisa desenvolvida em Foz do Iguaçu, PR**

De modo geral, as pesquisas nesse campo são focalizadas nas cidades e, em grande parte, em ambientes notadamente multilíngues.

<sup>6</sup> Os territórios linguísticos são entendidos como o produto e a representação do exercício do poder em torno das línguas em determinado espaço de relações e como esferas de uso das línguas demarcadas por um conjunto de fatores e intervenções que culminam na demarcação de dado espaço, de modo descontínuo (BERGER, 2015).



Isso porque “as cidades se apresentam comumente para nós como um conjunto de cenas, como um álbum de imagens produzidas nesses espaços públicos” (GOMES, 2013, p. 187). Diante desse fator, realiza-se uma descrição do ambiente linguístico que consiste de subsídio para a interpretação dos dados, define-se e descreve-se o local ou recortes onde a coleta de dados é feita e, por fim, delimitam-se os procedimentos metodológicos adotados (SHOHAMY, GORTER, 2009; CLEMENTE et al., 2013). De modo geral, os procedimentos têm como ponto de partida a observação e registros fotográficos dos usos das línguas em sua forma escrita e de análise quantitativa dos sinais.

Conforme mencionado, esta pesquisa foi desenvolvida durante o ano de 2015 em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná. No tocante à escolha do recorte para proceder à investigação, Clemente et al (2013) explicam que

[...] a pesquisa em Paisagem Linguística representa uma possibilidade de compreender o multilinguismo urbano e a diversidade linguística e, por esta razão, os dados não são destinados a indicar a composição linguística da cidade como um todo, mas simplesmente uma ilustração da gama de diversidade linguística presente na cidade ou em uma parte dela (CLEMENTE et al, 2013, p. 120, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Desse modo, a fim de demarcar a área a ser investigada, optamos por realizar a pesquisa no Bairro Centro, o qual possui uma concentração significativa de hotéis, restaurantes, órgãos públicos, bancos, escritórios, lojas, entre outros, e onde circula diariamente um número de residentes da cidade e da região da fronteira, bem como turistas de todo o mundo. Por ser um bairro relativamente grande, realizamos um segundo recorte delimitando a área da pesquisa em três vias importantes do centro da cidade, onde há intenso fluxo de pessoas cotidianamente, sejam elas residentes ou visitantes: Avenida Brasil, Avenida Juscelino Kubitschek e Rua Almirante Barroso.

7 “the LL [Linguistic Landscape] research represents one possibility to understand urban multilingual and linguistic diversity and, for this reason, “data are not meant to indicate the linguistic composition of the city as a whole, but a simple illustration of the range of linguistic diversity” present in the city or part of the city” (CLEMENTE et al, 2013, p. 120).

Figura 1 – Localização do Bairro Centro e recorte da pesquisa.



Quanto aos procedimentos de coleta de dados, realizamos uma observação prévia do campo, por meio da qual percebemos sinais em diferentes línguas. A observação prévia foi procedimento determinante para delimitar o objetivo da investigação e, por isso, concordamos com a afirmação de Gomes (2013, p. 31–32):

Vemos somente aquilo que retiramos do fluxo contínuo do olhar. [...] por isso, ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção, tratar esse algo como especial.

Ao voltar o olhar para a questão da diversidade linguística, foi possível questionar a presença (ou ausência) de determinadas línguas no espaço visual público desse município multilíngue.

A definição dos sinais a serem registrados, e que consistem da fonte de dados, é, em geral, um dos problemas metodológicos desse campo de pesquisa. Isso porque os sinais dispostos no espaço público podem ser de diversos tipos, como placas com identificação de ruas, placas de trânsito, letreiros de estabelecimentos comerciais, propaganda, cartazes ou *grafitti*. Além disso, os sinais podem ser tidos como monolíngues, bi ou multilíngues. Dessa forma, conforme

Clemente et al, 2013), uma pesquisa criteriosa em torno da paisagem linguística deve ser precedida de algumas questões: onde os dados serão coletados (uma rua, um bairro, a cidade inteira, etc.)?; Que sinais textuais serão registrados (placas de sinalização, vitrines, propagandas, *grafitti*)?; Quais serão os critérios de análise (leitura de cada texto verbal individualmente ou leitura do texto-imagem)?

Em estudos encontrados em Shohamy e Gorter (2009), há diferentes propostas metodológicas no que diz respeito às unidades escolhidas para análise na escolha e exclusão dos sinais. Para os fins dessa pesquisa, direcionamos o olhar para os nomes dos estabelecimentos, anúncios e propagandas, e placas de sinalização pública (placas de trânsito). A caracterização foi realizada da seguinte forma: 1) nomes de estabelecimentos comerciais (entendidos como a palavra ou texto da fachada para identificar o estabelecimento); 2) anúncios e propagandas (palavras ou textos por meio do qual se divulga algo ao público, além de palavras que denominam um produto ou serviço); 3) placas de trânsito (especificamente placas de orientação turística e indicativas de sentido).

Quanto aos critérios de exclusão para proceder à sistematização dos registros fotográficos para fins de seleção e análise dos dados, primeiramente optamos por não registrar ou contabilizar os sinais em língua portuguesa. Isso porque, como a proposta da pesquisa foi dimensionar a presença de línguas que não a oficial nacional no cenário multilíngue do município, optamos por dar centralidade às línguas minoritárias<sup>8</sup>, às línguas que detém estatutos diversos no contexto das políticas linguísticas do país (línguas estrangeiras, línguas de imigração, línguas indígenas, etc.) e línguas presentes pelo contato da fronteira. Em segundo lugar, optamos por não quantificar marcas que se caracterizam como redes de lojas e estabelecimentos comerciais nacionais ou estaduais. Dito de outro modo, optamos pelos sinais locais em oposição aos sinais globais (SPOLSKY, 2009). Essa opção metodológica teve como critério o enfoque nos gestores locais.

No que concerne à contagem dos sinais, aspecto quantitativo da pesquisa, diante do fato de alguns sinais serem bi ou multilíngues, optamos por uma recontagem desses sinais, considerando cada língua registrada. Também, vale ressaltar que, como a ocorrência de estrangeirismos e transliteração é fenômeno recorrente em situações de

<sup>8</sup> Cabe, nesse sentido, esclarecer que nosso posicionamento em relação à definição de línguas minoritárias é consoante à de Altenhofen (2013, p. 94), que as conceitua como “modalidade de língua ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) ”.

contato de línguas e comunidades linguísticas (GARCEZ; ZILLES, 2004), também quantificamos esses registros.

Concluímos essa seção reiterando as palavras de Barni e Bagna (2009, p. 138, tradução nossa), ao afirmar que a análise dos dados de um recorte “[...] é apenas uma parte de todo o universo da vitalidade do contato e uso das línguas”<sup>9</sup>.

### **O multilinguismo do espaço visual público de Foz do Iguaçu**

O recente trabalho de Silva et al (2016) discute a paisagem linguística transfronteiriça de Foz do Iguaçu entrelaçando três diferentes percursos (percurso da fronteira Brasil/Argentina; percurso da região central; percurso da fronteira Brasil/Paraguai). Nosso olhar, diferentemente, buscou uma análise pormenorizada da região central, visando a responder as perguntas norteadoras e conferir atenção à questão da visibilidade dessas línguas no espaço visual público.

Mediante os procedimentos metodológicos implementados, na Tabela 1, apresentamos dados relativos à quantidade de sinais analisados após registros fotográficos e seleção. A amostra consistiu de um total de 194 sinais públicos, sendo: 61,34%, os nomes de estabelecimentos comerciais (119 sinais); 36,08%, os anúncios e propagandas (70 sinais); e apenas 2,58%, as placas de sinalização pública (5 sinais).

A maioria dos sinais analisados consistiu de sinais não oficiais, cujos gestores são proprietários de estabelecimentos comerciais que imprimem suas escolhas linguísticas na paisagem linguística. Segundo Landry e Bourhis (1997), as ações de gestão das línguas pelos governos locais podem intervir mais sistematicamente sobre a paisagem linguística do território sob sua jurisdição, através da implementação de uma política linguística. Essa forma de gestão se contrapõe às formas de gestão verificadas nos sinais particulares (ou não oficiais), já que nesses as escolhas das línguas advêm de uma variedade de fatores, como os valores atribuídos às línguas, atitudes linguísticas, filiação à dada identidade linguística, dentre outros. A citação de Raffestin (1993, p. 100) corrobora com a explanação: “[...] toda mediação linguística é subentendida por uma relação extralinguística na qual circula o poder consubstancial a toda relação”.

No que se refere à primeira pergunta de pesquisa – Que línguas

<sup>9</sup> “[...] is just one part of the whole universe of the vitality of contact and language use” (BARNI; BAGNA, 2009, p. 138).

estão dispostas na paisagem linguística no centro de Foz do Iguaçu? –, identificamos a ocorrência de diferentes línguas a partir de registros fotográficos, conforme dados quantitativos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Línguas identificadas nos sinais públicos

Línguas	Nomes de estabelecimentos	Anúncios e propagandas	Placas de sinalização pública
<b>Alemão</b>	2	1	–
<b>Árabe</b>	1	4	–
<b>Espanhol</b>	9	5	1
<b>Francês</b>	3	2	–
<b>Guarani</b>	–	1	–
<b>Inglês</b>	87	54	4
<b>Italiano</b>	12	1	–
<b>Japonês</b>	2	–	–
<b>Mandarim</b>	1	2	–
<b>Polonês</b>	2	–	–

Diante desses números, elaboramos dois gráficos nos quais indicamos em que medida, em porcentagens aproximadas, essas línguas estão presentes nos sinais.

Gráfico 1 – As línguas presentes em nomes de estabelecimentos comerciais

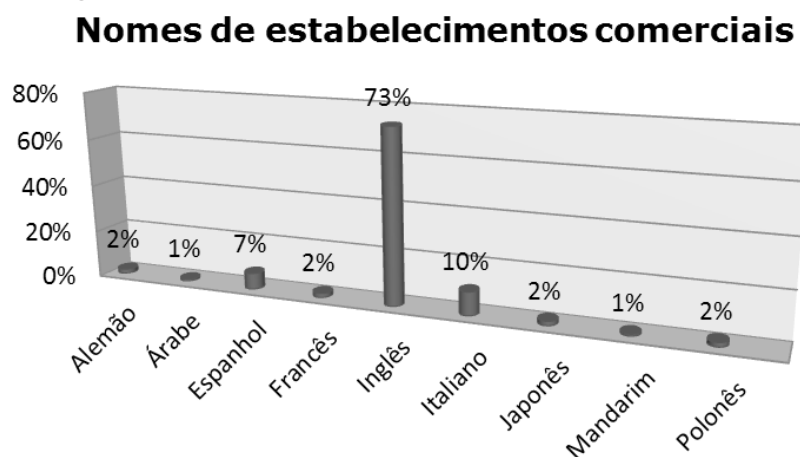
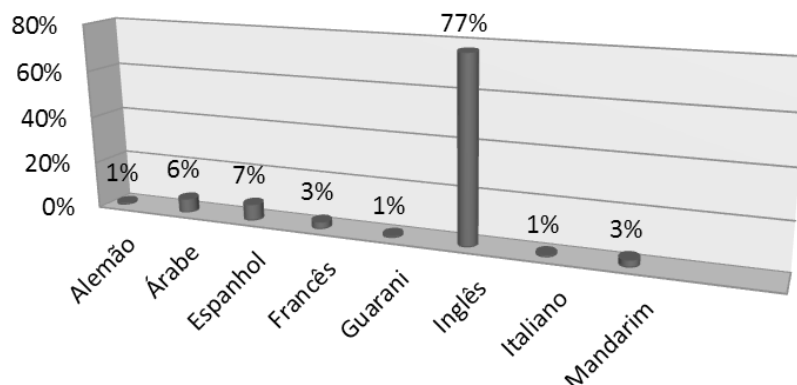




Gráfico 2 – As línguas presentes em anúncios e propagandas

**Anúncios e propagandas**

Em ambos os gráficos, embora tenham sido verificadas diferentes escolhas de línguas pelos gestores particulares, constata-se que a presença da língua inglesa é preponderante. Nos nomes dos estabelecimentos, a ocorrência dessa língua se verifica em 73% dos sinais e, nos anúncios e propagandas, em 77% dos sinais.

Quanto às demais línguas identificadas nos nomes dos estabelecimentos comerciais (alemão, árabe, espanhol, francês, guarani, italiano, japonês, mandarim e polonês), no primeiro gráfico elas estão distribuídas nos 27% restantes, sendo em maiores proporções os sinais em italiano (10%) e em espanhol (7%). As outras línguas aparecem de modo esporso.

Já nos anúncios e propagandas, o espaço de outras línguas, que conformam a diversidade linguística desse município, está restrito aos 23% dos sinais restantes. Dessas, percebe-se um número maior de sinais em espanhol (7%) e em árabe (6%).

Na sequência, expomos alguns dos registros realizados durante a investigação.

Figura 2 – Nome de estabelecimento comercial em língua italiana.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015)

Figura 3 – À esquerda, nome de estabelecimento comercial em língua portuguesa e em língua árabe, com exemplo de transliteração (*sfiha*). E, à direita, indicação do negócio por meio de empréstimo em língua francesa (*Atelier*).



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015)

Figura 4 – Anúncios de restaurantes com textos dispostos em ambos mandarim, inglês e português.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015)

Figura 5 – Anúncios em inglês acompanhados de língua portuguesa.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015)

Figura 6 – Estabelecimento comercial com identificação do negócio (livraria) em diferentes línguas (espanhol, guarani, alemão, francês, árabe, inglês e mandarim).



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015).

No que tange às placas de sinalização pública, por se tratar de um número reduzido de sinais verificados no recorte (5 ocorrências), optamos por não dispor de gráficos. Os sinais registrados consistem de placas de trânsito na forma de placas de orientação turística e indicativas de sentido. Nesses sinais, a indicação dos locais da cidade está disposta na língua oficial, seguida de indicação em língua inglesa em 4 das placas. Em uma delas, há também o registro escrito da língua espanhola (*Terminal Omnibus*). Ilustramos na sequência dois exemplos:

Figura 7 – Placas de orientação turística e indicativas de sentido, no centro de Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2015).

Por se tratar de cidade de turismo internacional, compreendemos que as placas de orientação turística são destinadas não só aos residentes e aos visitantes brasileiros e fronteiriços, mas também aos estrangeiros. Infere-se, desse modo, que o uso da língua inglesa advém do papel que ela desempenha como *língua franca* no domínio da indústria do turismo



internacional. O lugar que a língua ocupa, não somente no contexto do município, como também em diferentes localidades em todo o mundo, reflete diferentes processos de globalização e fatores político-econômicos que impulsionaram a difusão da língua em diversas esferas em diferentes partes do globo (CRYSTAL, 2003; GORTER, 2006). Resulta disso o fato de que o inglês ocupe hoje, de modo assimétrico, um estatuto elevado e a posição de língua hipercêntrica em um sistema de línguas global (ALTENHOFEN, 2013; OLIVEIRA, 2013).

No que tange à presença da língua espanhola nas placas de trânsito, embora tenha sido contabilizada somente uma vez, consideramos o tratamento dessa língua nos sinais como uma das dificuldades metodológicas da pesquisa. Isso porque, como na relação com a língua portuguesa, trata-se de uma língua próxima cujos vocábulos podem ser idênticos ou muito similares em grafia (a exemplo de *zoológico*), pressupõe-se que, no caso dos sinais oficiais, tenha havido certa ‘economia’ na elaboração dessas placas. Essa hipótese poderia explicar, por exemplo, a existência de um registro em espanhol, quando se tratou de vocábulo com grafia diferente (ou palavra diferente) da equivalente em português (como é o caso de *Omnibus*, na figura 6). Outra hipótese diz respeito à possibilidade de intercompreensão entre usuários de ambas as línguas, aspecto característico da dinâmica das interações linguísticas na fronteira e das práticas linguísticas plurilíngues que se dão nesse espaço. Consideramos que um estudo futuro, contemplando entrevistas com agentes da administração pública, possa contribuir para compreender o lugar e o *status* atribuído à língua espanhola pelos gestores oficiais, responsáveis pela elaboração de disposição desses sinais.

Diante dessa exposição e, tendo em vista a proporção em que as línguas são dispostas no recorte da pesquisa, percorremos os demais questionamentos feitos, a saber: Que relações de poder podem ser inferidas a partir da disposição visual das línguas nesse espaço? De que forma a disposição das línguas no espaço amplia a visibilidade do multilinguismo existente em Foz do Iguaçu?

Conforme se constatou, nos sinais particulares observa-se a tendência já apontada por Friederich (2002) de, no mundo dos negócios e transações comerciais, agentes diversos privilegiarem o uso da língua inglesa motivados pela noção de prestígio social e pelo valor econômico agregado à língua, ou seja, fatores extralinguísticos que incidem na formação de atitudes favoráveis diante dela. Uma língua que possui prestígio social se torna, de modo geral, uma referência e um modelo

almejado por pessoas que acreditam em poder se beneficiar de seu uso. Como efeito, o ‘poder’ agregado à língua tende a aumentar, bem como o valor econômico a ela incorporado.

Também, segundo Crystal (2003), em todo o mundo a maioria dos sinais nas vitrines de lugares turísticos é em inglês, o que parece influenciar mesmo aqueles que não têm o conhecimento da língua, mas que aderem ao seu uso com a intenção de atingir um determinado público e como forma de agregar maior valor ao seu estabelecimento.

A língua inglesa, desse modo, se destaca de modo mais frequente na paisagem linguística, em uma relação assimétrica com as demais, já que possui um valor mormente econômico não comparável a outra língua. Constitui-se, desse modo, como “uma mais valia na maioria das grandes relações econômicas, políticas, sociais e culturais” (RAFFESTIN, 1993, p. 105).

Parte dessas reflexões em torno do valor agregado às línguas podem se estender à presença da língua francesa na paisagem. Pelo prestígio atribuído a língua como referência de cultura e modelo sofisticação, o francês evoca atitudes como a diagnosticada em pesquisa exploratória realizada no âmbito do projeto *Gestão do multi/plurilinguismo no espaço fronteiriço trinacional*: “Acho [o francês] uma língua muito elegante”<sup>10</sup>. Pressupõe-se que a disposição dessa língua na paisagem (a exemplo do registro do empréstimo *Atelier*, na Figura 3), como efeito dessa atitude, seja orientada pelas crenças e opiniões dos gestores em torno do valor de modelo cultural a ela agregado.

A língua espanhola, uma das línguas oficiais dos países vizinhos (Argentina e Paraguai), por sua vez, é disposta na paisagem linguística com relativa frequência, o que se pressupõe estar alicerçado na situação geopolítica do município e do intenso contato linguístico-cultural entre as populações dos três países, fatores que incidem em práticas linguísticas próprias do estar e viver na fronteira.

Quanto às línguas de comunidades imigrantes e descendentes, como no caso da língua árabe, italiano e do mandarim, dentre outras que figuram na Tabela 1 – seja devido à situação geopolítica do município, seja em razão de fatores econômicos que impulsionaram correntes migratórias impactando na configuração sociolinguística da região – registram sua presença nos espaços de visibilidade do centro da cidade (OLIVEIRA, 2012; SILVA, 2012), ainda que algumas delas de modo muito esparso e diminuto. Conforme Joseph (1998 *apud* GOMES, 2013, p. 203):

10 Dados constantes do arquivo do projeto.



“o espaço público é uma ordem de visibilidades destinadas a acolher uma pluralidade de usos ou uma pluralidade de perspectivas”.

Desse modo, a presença dessas marcas linguístico-culturais no espaço público urbano reflete escolhas que intervêm nesse cenário, demarcando territórios linguísticos particulares, e que sugerem possíveis formas de pertencimento. Pode-se afirmar, nesse sentido, que os sinais, funcionam além de comunicar um serviço, persuadir um leitor para a compra de um produto ou usufruto de um serviço. Em alguns casos – não há como tecer generalizações para todos – resguardam também uma função simbólica que pode indicar a filiação a uma identidade linguística, já que as línguas não são somente meios de comunicação. Elas ocupam um lugar determinante nas diferentes culturas, na formação de identidades e na constituição de aparatos para diferentes memórias. Assim, colocá-las em exposição, aludindo à Gomes (2013, p. 40), é uma forma de “[...] estar ciente de que há uma configuração espacial através da qual tornamos algo visível”.

No que tange à presença da língua guarani, registrada em somente em um dos sinais (palavra *Arandukarenda*, figura 5), ela nos convida a uma reflexão. Trata-se de língua de origem indígena que se configura não só como uma das línguas oficiais nacionais do Paraguai, como também de língua falada por comunidades indígenas da região (resguardas as diferentes variedades). Seu registro para designar a palavra ‘livraria’, ao lado de outras línguas que configuram a diversidade linguística de Foz do Iguaçu, pode indicar um olhar particular do gestor local, ao atribuir à língua guarani um lugar não desigual.

Essa reflexão advém do fato de atitudes desfavoráveis em relação à língua guarani ainda se verificarem no contexto da fronteira e mesmo no âmbito dos países vizinhos, onde é oficial e cooficial (BERGER, 2015). Assim, conforme Gomes (2013, p. 2013), “as coisas terão diferentes importâncias e chamarão a atenção dependendo do tempo disponível e, sobretudo, dos interesses particulares e da sensibilidade de cada um”.

Consideramos que, indubitavelmente, todas as línguas são, cada qual em sua medida e por diferentes motivos, importantes. Isso porque cada língua possui um valor agregado para a comunidade linguística que dela compartilha: seja por seu valor simbólico, pelo valor de troca que agrega ao seu usuário, pelo valor econômico, ou pelo prestígio que detém entre certa comunidade. No entanto, não é correto afirmar que todas possuem todas as funções ou congreguem em si todos os valores possíveis. Uma língua pode ter valor em trocas comerciais e culturais,

enquanto outra ter expressivo valor simbólico para determinada comunidade, por ser representativa de uma identidade compartilhada.

Nesse sentido, cabem aqui as palavras de Raffestin (1993, p. 99):

[...] certas línguas, tal como o inglês, por exemplo, ocupam lugares enormes e são de uso corrente, enquanto outras recuam e são de uso restrito, limitado a áreas relativamente pequenas, tal como o italiano. É que não se trata, apesar de tudo, de um problema linguístico, mas sim de uma questão de poder, de relações de poder e de estrutura de poder.

A citação de Altenhofen (2013, p. 95) corrobora com a discussão:

[...] é uma ilusão pensar que as línguas são iguais, no sentido do que são capazes, mas todas – sem exceção – têm o seu valor definido pelos usuários e respectivas comunidades de fala, a quem deve ser garantido o direito de uso.

De posse dessas reflexões, conforme já afirmamos, a presença de outras línguas na paisagem linguística do centro da cidade de Foz do Iguaçu reafirma relações de poder existentes entre as línguas, pois no caso da língua inglesa, essa possui um apelo e um valor econômico não comparável a outra língua e vem se constituindo como “uma mais valia na maioria das grandes relações econômicas, políticas, sociais e culturais” (RAFFESTIN, 1993, p. 105).

Embora diferentes línguas figurem no espaço público urbano desse recorte, a percepção de cada uma delas depende de sentidos construídos sobre elas e sobre o multilinguismo local, já que a visibilidade depende da associação entre lugar de exposição e da significação que deriva da posição do objeto no contexto em que se dá determinado fenômeno.

Um objeto que tem sua presença marcada em uma gama variada de suportes e em espaços de maior destaque, ou seja, que possui maiores condições a visibilidade, pode ter sua percepção aumentada (GOMES, 2013). Línguas que encontram lugar em sinais públicos, ou seja, aqueles geridos e expostos pelo poder público a partir de uma gestão *in vitro* (CALVET, 2007), podem ocupar posições privilegiadas nessa composição chamada paisagem linguística, estando em espaços de maior e legítima visibilidade. Dito de outro modo, elas se encontram em condição não somente de serem percebidas aos olhos dos que transitam pelo espaço público, mas de terem, com isso, maior valor agregado.

Nesse sentido, alude-se à Raffestin (1993, p. 116), quando afirma que “a língua escolhida verá seu espaço aumentar, enquanto o das outras tenderá a se restringir”, uma vez que, no conjunto, línguas

que conquistam posição predominante em relação a outras se tornam foco de atenção e podem ofuscar a visibilidade das demais. Conforme Aisteran et al (2010, p. 4, tradução nossa):

[...] as pessoas processam informações visuais e linguísticas que se põem diante de seus olhos, e a língua em que os sinais estão escritos pode influenciar na percepção do *status* de diferentes línguas, em suas atitudes em relação a elas e pode, também, influenciar no uso de suas línguas de modo tanto positivo como negativo<sup>11</sup>.

Crenças em torno do valor das línguas – seja valor de uso, de troca, valor simbólico ou econômico – bem como o prestígio social de determinadas línguas em detrimento de outras pode emergir, desse modo, como reflexo da conjugação de diferentes fatores e de ações de gestão, dentre as quais a gestão das línguas no espaço público, ou seja, de sua presença e dos lugares a elas atribuídos em diversas esferas.

Tem-se que a centralidade da língua inglesa no espaço visual público contribui para que, nessa paisagem, as demais línguas estejam em posição de menor visibilidade em meio a essa composição, já que “a variação da posição espacial de um objeto, pessoa, ou fenômeno altera completamente nossa percepção, nossa apreciação e nosso provável interesse sobre eles” (GOMES, 2013, p. 36).

Nesse sentido, consideramos, como afirma Raffestin (1993, p. 104), que “o inglês não está em causa como língua, mas sim como expressão de relações dissimétricas, portanto de desigualdade, cuja origem se deu nos planos econômico e político, e ainda no social e no cultural.”.

Diante disso, consideramos que a visibilidade das outras línguas que figuram nesse espaço público urbano pressupõe a mudança de perspectiva do observador em relação a elas, já que a língua inglesa se destaca na paisagem.

## Considerações Finais

O estudo dos sinais verbais no espaço público urbano, segundo Spolsky (2009), tem sido relevante no sentido de explorar e compreender espaços multilíngues. Em espaços geográficos onde a diversidade

<sup>11</sup> “[...] people process the visual and linguistic information that comes to them, and the language in which signs are written can influence their perception of the status of the different languages, their attitudes towards them and it can even influence their language use either in a positive or a negative way” (AISTERAN *et al* 2010, p. 4).

linguística é um dado, o estudo da Paisagem Linguística pode contribuir para identificar a territorialidade das línguas como parte da compreensão das relações que são estabelecidas entre as comunidades que compartilham desse mesmo espaço, como também para verificar os regimes de visibilidade (GOMES, 2013).

Nessa pesquisa que se inscreve no panorama recente de valorização e debates em torno da diversidade linguístico-cultural no âmbito do território brasileiro, buscamos compreender determinada localidade do espaço público urbano de Foz do Iguaçu, considerando ser esse município notadamente multilíngue.

Os dados evidenciaram que, embora multilíngue, a paisagem de parte da região central possuía, em grande medida, a língua inglesa sobressaindo em todos os tipos de sinais e em diversos espaços de visibilidade. Percebemos, com isso, que as condições para a percepção de outras línguas por meio dos sinais dispersos na paisagem dependem em grande parte do observador e dos sentidos construídos sobre o multilinguismo.

Como encaminhamento para pesquisas futuras, compreende-se que há necessidade de incorporar aos novos estudos procedimentos como entrevistas e questionários para dispor de maiores elementos sobre as crenças em torno das formas de gestão implementadas pelos diversos agentes. Também, a escolha de outros recortes no município de Foz do Iguaçu pode contribuir para mapear territórios linguísticos em maior profundidade e para tornar visíveis outras línguas que estão em uso no município, mas que não se fazem perceber, como é o caso da língua ucraniana, utilizada em celebrações religiosas da Igreja Greco-Católica Ucraniana (Nossa Senhora do Amparo), localizada no Bairro Jardim Ana Cristina.

### Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Maridelma Laperuta Martins, pela leitura crítica que contribuiu para a qualidade do presente texto.

### Referências

AIESTARAN, J. CENOZ, J.; GORTER, D. Multilingual cityscapes: perceptions and preferences of the inhabitants of Donostia-San Sebastián. In: SHOHAMY, E. BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. (Ed.) **Linguistic landscape in the city**. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

ALTENHOFEN, C. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICHOLAIDES, C. et al. (Org.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Editora Pontes, 2013.

BARNI, M.; BAGNA, C. A mapping technique and the linguistic landscape. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape**: Expanding the Scenery. New York, 2009. p. 126-140.

BEN-RAFAEL, E. A sociological approach to the study of linguistic landscapes. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape**: Expanding the Scenery. New York, 2009.

BERGER, I. R. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai**: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira. 2015. 300 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CALVET, L.J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CENOZ, J.; GORTER, D. Linguistic Landscape and Minority Languages. In: GORTER, D. **Linguistic Landscape**: A New Approach to Multilingualism. Toronto, 2006.

CLEMENTE, M. R. *et al.* Linguistic Diversity in Aveiro, Portugal: Exploring Linguistic Landscape Methodologies in the Beira Mar Neighborhood. **Internet Campus Latent Corpus Journal**. Portugal, v.3, n.1 (2013). Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/ilcj/article/view/2862>> Acesso em: 6 jul.2015.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. Second edition. Cambridge, 2003.

FRIEDERICH, P. English in advertising and brand naming. Sociolinguistic considerations and the case of Brazil. **English Today**. V. 18, Issue 3. July 2002, p. 21-28.

GARCEZ, P. M; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos**: guerra em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma Geografia da Visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GORTER, D. **Linguistic Landscape**: A New Approach to Multilingualism. Toronto, 2006.

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Foz do Iguaçu, estimativa da população 2015. **População do município de Foz do Iguaçu**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4108304>> Acesso em: 2 ago. 2015.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Vol. 1**: Patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2014. 95p. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>> Acesso em: 2 fev. 2017.



LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**. March 1997 vol. 16 no. 1 p. 23-49. Disponível em : <<http://jls.sagepub.com/content/16/1/23>> Acesso em: 5 jul. 2015.

MORELLO, R. **Leis e línguas no Brasil**: O processo de cooficialização e suas potencialidades. Florianópolis, IPOL: 2015.

OLIVEIRA, G. M. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 52, n. 2, p. 409-433, dez. 2013. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132013000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132013000200010&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 13 fev. 2017.

OLIVEIRA, G. M.; ALTENHOFEN, C. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística no Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVEIRA, N. R. O. **Foz do Iguaçu intercultural**: cotidiano e narrativas de alteridade. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2012.

PIRES-SANTOS, M. E. **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. 2004. 253 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Unicamp, São Paulo, 2004.

RAFFESTIN, C. Língua e poder. In: \_\_\_\_\_. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, I. **Atitudes linguísticas e aprendizagem de línguas**: um estudo de caso em Foz do Iguaçu. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2007.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009.

SILVA, I.; PIRES-SANTOS, M.E.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios da Linguagem**. vol. 10 n.4 | out. /dez. 2016, p. 1257-1277.

SILVA, M. A. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu, Editora Epígrafe, 2014.

SPOLSKY, B. **Language Management**. UK: Cambridge University. Press, 2009.

THOMAZ, K. M. **A Língua Portuguesa no Brasil: uma política de homogeneização linguística**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.  
Aceito em: 23 de jul. de 2017.